

PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA E SABERES TRADICIONAIS EM TERREIRO DE UMBANDA

Carlos Jardel Araújo Soares¹

Valdenice Vitória de Sousa Lima²

Maycon Wenderson Paiva do Nascimento³

Aciei Tavares Ribeiro⁴

RESUMO

O presente artigo versa sobre a relação entre os conceitos da agroecologia e os saberes tradicionais em terreiro de Umbanda, conectando-se à produção agroecológica e à cultura afro-brasileira. O objetivo da pesquisa foi compreender a importância do cultivo agroecológico e do uso das plantas medicinais no tratamento de enfermidades em humanos e, consequentemente, manter viva a cultura e o conhecimento tradicional transmitido entre gerações através do conhecimento popular e da oralidade. Para o desenvolvimento da metodologia, utilizou-se o método qualitativo com a aplicação de questionários como instrumento de coleta de dados, seguida da análise de conteúdo conforme Bardin (2011). Como resultado, têm-se que os sujeitos compreendem a importância da Agroecologia e da manutenção de sua ancestralidade e cultura, e que essa relação entre os “saberes” contribui para a produção sustentável das ervas e plantas medicinais.

PALAVRAS-CHAVE: Agroecologia; Povos de Terreiro; Plantas medicinais; Ancestralidade.

AGROECOLOGICAL PRODUCTION AND TRADITIONAL KNOWLEDGE IN UMBANDA TEMPLES

ABSTRACT

This article discusses the relationship between the concepts of agroecology and traditional knowledge in umbanda temples, connecting agroecological production and Afro-Brazilian culture. The research aimed to understand the importance of agroecological cultivation and the use of medicinal plants in the treatment of human ailments, thereby keeping alive the culture and traditional knowledge passed down through generations via popular knowledge and oral tradition. To develop the methodology, the qualitative method was used with the application of questionnaires as a data collection tool, followed by content analysis according to Bardin (2011). The results indicate that the subjects understand the importance of Agroecology and the preservation of their ancestry and culture and that this relationship between "knowledge" contributes to the sustainable production of medicinal herbs and medicinal plants.

KEYWORDS: Agroecology; Umbanda Practitioners; Medicinal Plants; Ancestry.

PRODUCCIÓN AGROECOLÓGICA Y CONOCIMIENTOS TRADICIONALES EN UN TERRERO DE UMBANDA

RESUMEN

¹Doutor em Geografia / IFMA Campus Caxias; carlos.araujo@ifma.edu.br

²Graduação em Zootecnia / IFMA Campus Caxias; vitorialima@acad.ifma.edu.br

³Graduação em Zootecnia / IFMA Campus Caxias; maycon.wenderson@acad.ifma.edu.br

⁴Especialista em Gestão Ambiental e Ecoturismo / IFMA Campus Codó; aciel.ribeiro@ifma.edu.br

Este artículo trata de la relación entre los conceptos de agroecología y conocimiento tradicional en un terrero umbanda, vinculando la producción agroecológica y la cultura afrobrasileña. El objetivo de la investigación fue comprender la importancia del cultivo agroecológico y del uso de plantas medicinales en el tratamiento de enfermedades humanas y, consecuentemente, mantener viva la cultura y el conocimiento tradicional transmitido entre generaciones a través del saber popular y de la oralidad. El desarrollo de la metodología se utilizó el método cualitativo, con cuestionarios como herramienta de recogida de datos, seguido de análisis de contenido según Bardin (2011). Como resultado, los sujetos comprenden la importancia de la agroecología y del mantenimiento de su ancestralidad y cultura, y que esta relación entre "saberes" contribuye a la producción sostenible de hierbas y plantas medicinales.

PALABRAS CLAVE: Agroecología; Pueblos de Terreros; Plantas medicinales; Ancestralidad

INTRODUÇÃO

Os saberes tradicionais, por meio da oralidade, trazem na história de um povo sua cultura, religião, hábitos alimentares e produção no campo. A relação milenar de muitos povos, sobretudo orientais, com a “ciência” do conhecimento da natureza fortaleceu o uso de ervas e/ou plantas capazes de promover a cura para determinadas enfermidades (Botsaris, 2012). Assim, segundo esse mesmo autor, as propriedades curativas fizeram com que essas ervas recebessem o nome de plantas medicinais.

A história do Brasil e sua formação populacional têm origem na contribuição dos povos originários (indígenas), do colonizador europeu e dos povos tradicionais (principalmente africanos). Segundo Dias e Mendonça (2020), ao longo da história, a medicina tradicional sempre foi restrita às classes sociais mais ricas. Por isso, práticas como as de curandeiros e raizeiros surgiram como alternativa para atender a população mais pobre. Atualmente, a medicina evoluiu com a ciência, mas ainda ignora o conhecimento popular.

No entanto, esse saber não era formalmente registrado, ao contrário das descobertas científicas europeias, que já nos séculos XVI e XVII, e de forma mais consolidada a partir do advento da ciência nos séculos XVIII e XIX, eram sistematicamente documentadas. Os saberes dos povos indígenas e africanos, por sua vez, mantinham-se "vivos" por meio da oralidade, mas muitas vezes foram "silenciados" pelo poder da Igreja e pela cultura europeia dominante.

Sobre a importância da oralidade na manutenção dos saberes tradicionais, Ong (2026) fala sobre que o conhecimento, nas sociedades de tradição oral, não é um objeto fixo, mas uma sabedoria dinâmica que vive e se renova na memória coletiva da comunidade, sendo continuamente compartilhada e transmitida. Para Krenak (2019), o conhecimento para os povos

tradicionais é intrinsecamente ligado à oralidade, que ele considera a base de sua filosofia de vida. Ele argumenta que o saber não é algo estático, registrado em papel, mas sim um processo vivo, inseparável da natureza e das relações comunitárias. Dessa forma, a oralidade atua como a principal tecnologia desses povos para preservação de suas memórias, identidade e a continuidade de suas tradições.

Pesquisar sobre os saberes tradicionais e o cultivo de plantas medicinais, sob a perspectiva da Agroecologia, trouxe reflexões acerca de sua relação com a produção sustentável. O saber tradicional é importante para a preservação da história e da identidade de povos originários e comunidades tradicionais, como os indígenas e quilombolas, pois mantém viva sua herança cultural. Nas religiões de matriz africana, com enfoque na Umbanda, têm essa conexão com a tradição cultural que remonta às suas origens na África, e, uma dessas, é o cultivo e uso de plantas medicinais.

As novas técnicas têm contribuído para o desenvolvimento de pesquisas aplicadas e tecnologias sustentáveis para a produção no campo. Porém, ainda existem muitas lacunas sobre a Agroecologia na perspectiva do pensamento da produção sustentável, sobretudo, nos conhecimentos voltados aos “Saberes Tradicionais”, ou seja, do conhecimento popular e ensinado por gerações, como a prática do cultivo e uso de plantas medicinais para o tratamento de saúde. Portanto, a presente pesquisa tem por problema o seguinte questionamento: Os conhecimentos e práticas no terreiro é parte da Agroecologia?

Os estudos neste campo do conhecimento permitem conhecer cada vez mais a importância dos Saberes Tradicionais na manutenção da cultura e da história de um povo, em especial no cultivo e uso de plantas medicinais nos Terreiros de Umbanda. A agroecologia como proposta de produção sustentável pode contribuir de forma significativa nesse processo.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como a agroecologia se manifesta nas práticas curativas da Umbanda e sua contribuição para a preservação da cultura e dos saberes ancestrais. E como objetivos específicos: a) identificar quais plantas medicinais são cultivadas e seu uso no Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola”; b) compreender a importância dos saberes tradicionais para a continuidade da cultura afro-brasileira no terreiro de umbanda.

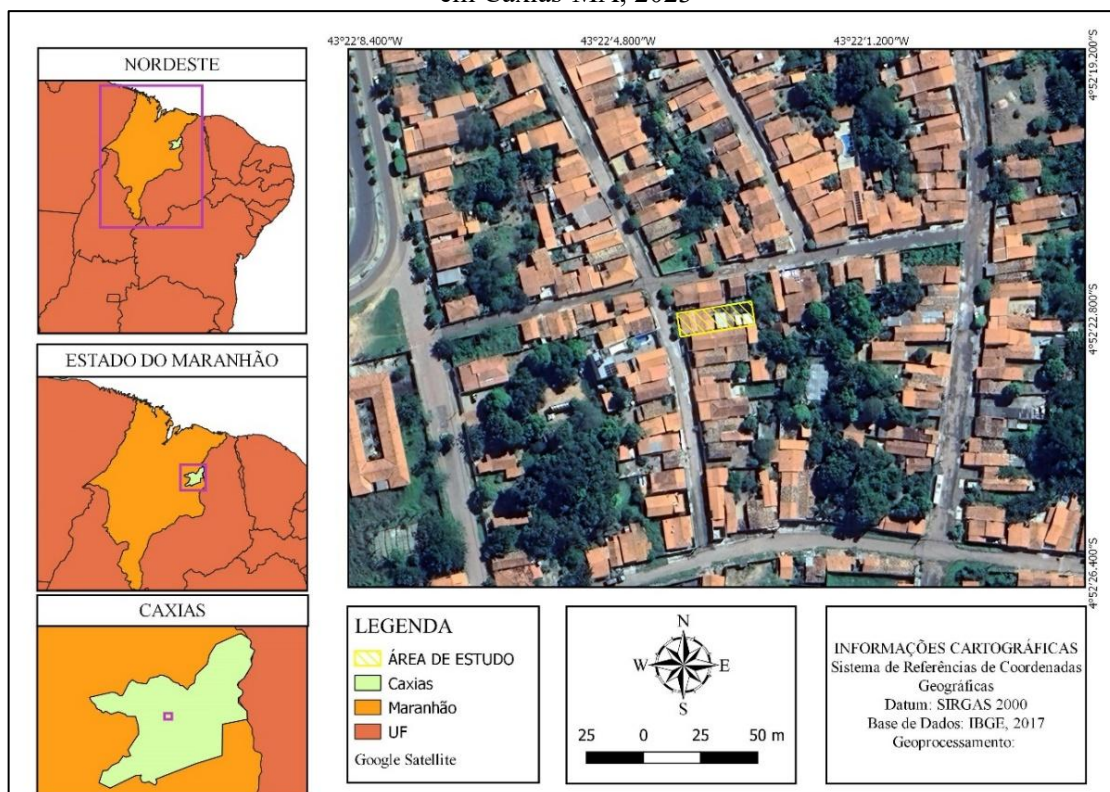
A agroecologia surge como uma alternativa à agricultura convencional, baseada na produção sustentável e no diálogo com os saberes tradicionais. Esses conhecimentos,

transmitidos pela oralidade em comunidades como as indígenas, quilombolas e de matriz africana, são essenciais para a preservação cultural e ambiental. Tais práticas incluem o cultivo de plantas medicinais demonstrando uma forma de vida que integra sustentabilidade e ancestralidade.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O recorte espacial da pesquisa foi o Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola”, localizada no bairro Campo de Belém, no município de Caxias-MA, Figura 1. O Terreiro é dirigido por um “Pai de Santo” e uma “Mãe de Santo” e por mais 27 “Filhos de Santo” e seguem os ritos da Umbanda.

Figura 1 – Mapa de Localização do Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola” em Caxias-MA, 2023



Fonte: Google Satellite, 2023. Geoprocessamento: Autor, 2023

A pesquisa foi desenvolvida por meio da metodologia qualitativa, pois essa abordagem levará a uma maior e melhor compreensão acerca do objeto de estudo, como afirmam Gil (2008) e Minayo (1999). Visto que vem sendo amplamente utilizada por pesquisadores nas últimas décadas e tem muita influência nas pesquisas sociais, o que a aproxima do objeto proposto.

De acordo com Flick (2009, p.20), “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”. Dentro dessa perspectiva, a abordagem etnográfica nos ajuda a entender as relações entre os sujeitos da pesquisa, seu cotidiano no terreiro de Umbanda e as práticas culturais e agroecológicas desenvolvidas nesse espaço. Dessa forma, para essa abordagem, segundo Guerra *et. al.* (2024, p.6), “envolve a imersão do pesquisador no ambiente natural dos participantes, com o objetivo de compreender suas práticas culturais, crenças, valores e comportamentos”.

Essa pluralização, do ponto de vista histórico-social faz parte da formação de conceitos como o da Agroecologia e Saberes Tradicionais e faz parte da formação dos indivíduos (Pais, Mães e Filhos(as) dos terreiros de Umbanda). Por isso, a pesquisa qualitativa e a abordagem etnográfica oferecem a melhor perspectiva para a compreensão da proposta em questão nesta pesquisa.

Vários são os autores que discutem a abordagem qualitativa na pesquisa social, dentre eles, têm-se: Malheiros (2011), Goldenberg (2004), Guerra (2014), Gerhardt e Denise (2009), Santos (2014), Bauer e Gaskell (2008). Esses autores têm em comum discutir essa abordagem trazendo a sua importância para a pesquisa social, bem como sua contribuição na compreensão do objeto estudado, da centralidade do indivíduo e de suas experiências vividas. O que também pode ser observado no cotidiano de um Terreiro de Umbanda.

Para Katrib e Santos (2020) o cotidiano no terreiro de Umbanda é marcado por práticas dinâmicas e ressignificadas, sustentadas pela oralidade, tradição e manutenção do axé e das heranças ancestrais. Essas práticas não seguem modelos rígidos ou padronizados, mas se recriam por meio das interações e vivências dos praticantes. aprendizado ocorre de forma fluida, no calor das emoções, no contato com energias mediúnicas e na interpretação de sentimentos, sem depender de cronologias ou métodos formais.

Assim como entender a pesquisa qualitativa e a abordagem etnográfica por meio das contribuições dos autores citados é fundamental, é evidente que a definição dos instrumentos de coleta e análise dos dados que melhor se adequa ao método qualitativo também assegura o melhor caminho para o desenvolvimento desta pesquisa. Considera-se aspectos como a vivência dos sujeitos nos terreiros e a importância da oralidade na preservação cultural e religiosa na Umbanda.

À vista disso, para o levantamento dos dados foi utilizado o questionário

semiestruturado. Esse instrumento será importante na identificação das plantas cultivadas e suas indicações terapêuticas, bem como para analisar a construção dos saberes tradicionais. O grupo pesquisado é composto por indivíduos que frequentam o Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola” e desenvolve sua fé e sua espiritualidade na religião da Umbanda, conectando o sagrado à natureza.

Já para o recorte dos sujeitos, considerou-se todos os indivíduos que frequentam os terreiros de umbanda estudado e que cultivam plantas medicinais. Esses participantes responderam ao questionário da pesquisa e relataram sobre suas vivências relacionadas ao cultivo dessas plantas e como ocorreu e/ou ocorre o aprendizado sobre como plantar e qual a indicação de determinada planta para o tratamento de saúde em humanos.

A coleta de dados por meio de questionário semiestruturado foi realizada com o auxílio da ferramenta *Google Forms*. O universo total da pesquisa incluiu 29 pessoas das quais 19 responderam ao questionário, totalizando 65,51% de participação, percentual que valida a pesquisa. Junto com o questionário, cada sujeito recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que tem por função explicar aos sujeitos os detalhes da pesquisa, como os objetivos, justificativa, procedimentos, riscos e benefícios, além de informar e assegurar os direitos dos participantes da pesquisa, seguindo o protocolo estabelecido pelo Comitê de Ética da Plataforma Brasil, CAAE: 58836922.0.0000.8007. Assim, cada sujeito da pesquisa será identificado pela letra S e o número sequencial entre 1 e 19, a exemplo: S12 (corresponde ao Sujeito 12).

O Método da Análise de Conteúdo, baseado em Bardin (2011), Sousa e Santos (2020), Cavalcante; Calixto e Pinheiro (2014), é bastante utilizado nas pesquisas sociais para compreender o fenômeno baseado no indivíduo e na interpretação das narrativas subjetivas carregadas de experiências vividas, cultura e outros elementos da formação social. Assim, a aplicação do método foi fundamental para a interpretação dos dados coletados, que são importantes para o desenvolvimento do objetivo geral da pesquisa.

AGROECOLOGIA E OS SABERES TRADICIONAIS: ANCESTRALIDADE E O CULTIVO DAS ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS

A agroecologia surge no contexto de contraponto ao crescimento da agricultura convencional, que tem como objetivo o aumento da produção por meio do uso de tecnologia no

campo, desde a modificação genética de sementes até o uso de fertilizantes químicos, comprovadamente danosos ao homem e ao meio ambiente. Para Assis e Romeiro (2002, p.68), a agroecologia é considerada uma ciência “desenvolvida a partir da década de 1970, como consequência de uma busca de suporte teórico para as diferentes correntes de agricultura alternativa que já vinham se desenvolvendo desde a década de 1920”. De acordo com esses autores, a agroecologia surgiu em busca do desenvolvimento de produção agrícola sustentável e integrada ao meio ambiente, contrapondo-se à “Revolução Verde”.

A interdisciplinaridade presente no escopo da Agroecologia faz com que diálogos entre várias áreas do conhecimento sejam necessários, mas o diálogo destas com os saberes tradicionais seja, talvez, o mais importante. A Agroecologia também pode ser compreendida por meio de um campo transdisciplinar, com princípios básicos do campo teórico e metodológica que, de acordo com a Embrapa (2006, p.26), irá “possibilitar o desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis e, além disso, contribuir para a conservação da agrobiodiversidade e da biodiversidade em geral, assim como dos demais recursos naturais e meios de vida”.

Neste artigo, conceitos importantes sobre Agroecologia e sua relação com a perspectiva organizacional foram abordados com base nos trabalhos de vários autores. São eles: Altieri (2004), Assis *et al.* (1998), Gliessman (2001, 2007 e 2018), Leff (2002), Rosset e Altieri (2018) e Sicard (2009). Esses autores são referências fundamentais para a busca da relação entre o significado da Agroecologia, suas implicações na natureza e suas relações com os saberes tradicionais, foco do proposto estudo.

Assim, os saberes tradicionais se dão pela relação dos povos com a natureza por meio dos hábitos alimentares, crenças, trabalhos e da própria relação ou interação social. Daí a ligação entre esses saberes dentro da Umbanda, que é uma religião de matriz africana e que traz consigo toda uma “aprendizagem” pautada na oralidade e que tem nas plantas uma forte relação com a natureza.

Ao falar sobre os povos e sua relação com a natureza, segundo Tatini e Tatini (2019), essa ocorria de modo universal, ou seja, estão inseridos as suas crenças, alimentação, modo de trabalhar e toda a relação social ali presente. No entanto, fatores como a própria globalização trouxeram consigo o racismo, o preconceito e a imposição das religiões cristãs sobre os povos originários e tradicionais, o que, de certa forma, distanciou esses povos de sua ancestralidade.

Até porque nessas comunidades, a oralidade é o maior elo de comunicação entre as gerações e, se ela é interrompida, poderá dificultar a manutenção da tradição ou história “viva”.

Além dos povos originários, os povos tradicionais contribuíram muito para o entendimento da relação entre o cultivo das plantas medicinais e seu uso para a cura de enfermidades em humanos. Parte desses saberes estão ligados à sua cultura, que veio com esse povo durante o tráfico negreiro e manteve-se viva por meio da oralidade e da religião. Segundo Tatini e Tatini (2019, p.2), quando os povos escravizados, em especial bantos e nagôs, vindos da África chegaram ao Brasil Colônia “trouxeram muito mais que mão de obra escravizada. Com eles, vieram também os conhecimentos, dentre outros, sobre as plantas medicinais e curativas e os alimentos tradicionais, com suas próprias técnicas de plantio e a cultura ancestral de preservar o sagrado através do princípio da natureza em nós e nós na natureza”.

O termo “plantas medicinais”, segundo Moura (2020, p.16), refere-se “aquelas que contêm substâncias bioativas com propriedades terapêuticas, profiláticas ou paliativas usadas em medicamentos, ou seja, são plantas que melhoram a qualidade de vida e interferem ou fortalecem o sistema imunológico”. Segundo essa mesma autora, além dos efeitos terapêuticos, seu uso representa uma parte importante da cultura dessas pessoas e faz parte do conhecimento utilizado e disseminado pela população por gerações (MOURA, 2020).

Para Carvalho *et. al.* (2015, p.2), as plantas medicinais para as religiões de matriz africana têm um grande valor simbólico e material. Elas são utilizadas em seus ritos e cura dentro das comunidades, sobretudo nos terreiros. Assim, o uso das ervas conecta os “saberes e tradições e mantém acesa a valorização da natureza, manifestada no caráter farmacobotânico de suas receitas, no registro empírico e individual das experiências”.

Além do cultivo das plantas medicinais que segue uma dimensão preservacionista de produção, conforme Melo e Oliveira (2019, p.3), “os povos de terreiro também constroem seus sistemas alimentares de forma diferenciada”. Esses sistemas constituem uma rede que envolve uma diversidade de religiões de matriz africanas. Ainda de acordo com Melo e Oliveira (2019), essa relação recebe a denominação de “economia de axé”, na qual há uma pequena e média produção que se fortalece a partir da troca e do comércio entre as comunidades de terreiro.

Dentro da economia solidária, algumas das plantas cultivadas, seja para movimentar o comércio ou para assegurar a alimentação das comunidades de terreiro, incluem muitos

alimentos que foram trazidos das várias regiões da África para fins curativos, ritualísticos e alimentares. Entre esses alimentos Tatini e Tatini (2019, p.2) destacam o “arroz-vermelho, melancia, inhame, cabaça, hibisco, Canabis, mamona, saião, [...] pimenta malagueta, feijão-guandu, café, inhame-batata ou cará, inhame-amarelo da Guiné, cará-voador, inhame-arbusto, noz-de-cola ou obi, dendezeiro, algodão, capim elefante (...)”.

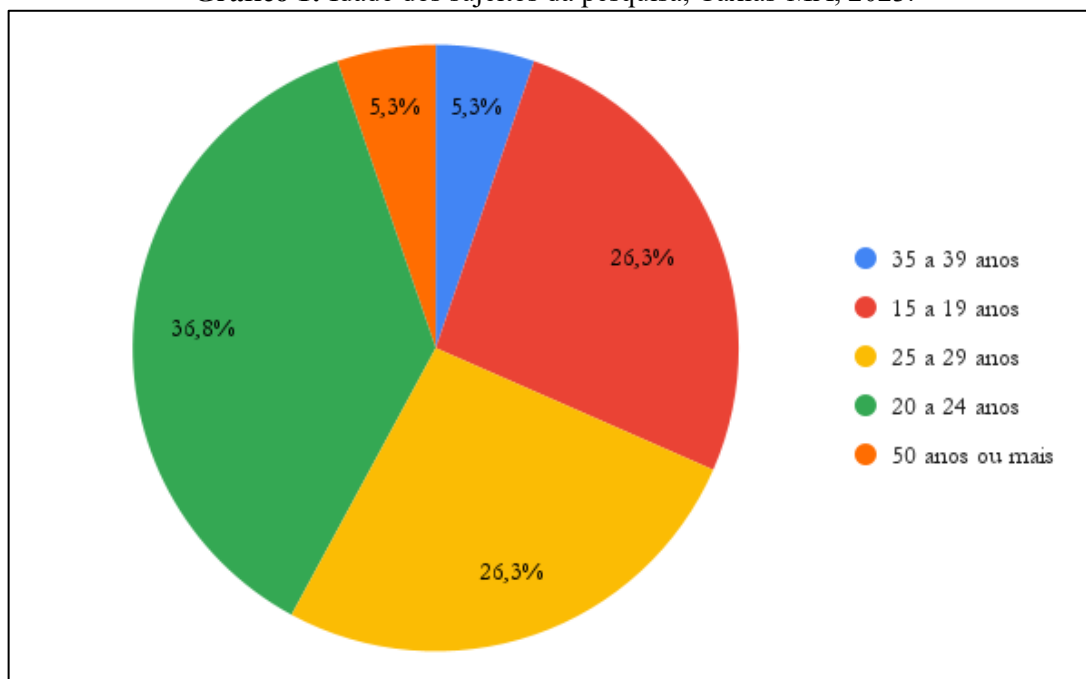
Conforme Melo e Oliveira (2019, p. 5), a dimensão ecológica tem destaque na medida em que “o modo de vida dessas comunidades apresenta-se como preservacionista, por devoção, e ao mesmo tempo contribui para a conservação e diversificação de espécies, vegetais e animais”. Assim, as religiões de matriz africana no Brasil, dentro das suas comunidades de terreiro, buscam em suas práticas a articulação dos eixos de sustentabilidade ecológica, econômica, social, cultural, política e ética, ou seja, desenvolverem os pilares da agroecologia.

ANCESTRALIDADE E PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NO TERREIRO DE UMBANDA “CASA DE CARIDADE PAI JOAQUIM DE ANGOLA”

Para a organização dos resultados e discussão desta pesquisa, considerou-se o levantamento dos dados por meio de aplicação de questionário às pessoas que frequentam o Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola”, seja como “filhas” e “filhos” de santo ou como “mãe” e “pai” de santo regente da casa. Seguiu-se a organização dos resultados por meio da tabulação, a análise das respostas foi feita através do método da análise do conteúdo.

O questionário semiestruturado consiste na organização de perguntas fechadas e abertas que versam sobre o cotidiano dos interlocutores e sua relação com a agroecologia e os saberes tradicionais por meio de sua religião e do cultivo e uso de plantas medicinais. Assim, perguntou-se a idade dos sujeitos da pesquisa, Gráfico 1, e obteve-se o seguinte resultado: 36,8% têm entre 20 e 24 anos, 26,3% correspondem aqueles que declararam ter 15 e 19 anos e com essa mesma porcentagem está o grupo com 25 e 29 anos. Os indivíduos com idade entre 35 e 39 anos e os que têm 50 anos ou mais correspondem ambos a 5,3% do total de pesquisados.

Gráfico 1: Idade dos sujeitos da pesquisa, Caxias-MA, 2023.



Fonte: Pesquisa direta, 2023.

De acordo com o exposto, as pessoas que frequentam o Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola” são, em sua maioria, jovens. No entanto, encontram na Umbanda a oportunidade de entender melhor sobre sua ancestralidade e de conhecer melhor a natureza por meio dos saberes tradicionais, especialmente no cultivo e uso de plantas medicinais, seja nos ritos religiosos ou no tratamento homeopático de doenças.

Todavia, antes de apresentar essa relação entre os sujeitos da pesquisa e a agroecologia, faz-se importante estabelecer a conexão entre eles e a religião de matriz africana que frequentam. É fundamental refletir sobre a tradição familiar que fortalece seus vínculos com a Umbanda. Então, perguntou-se: qual é a sua relação com a Umbanda? Como conheceu a religião?

S4: Conheço desde pequena através da minha avó que era umbandista, contudo, comecei a frequentar a pouco menos de um ano.

S9: Sou filho de santo, padrinho e médium da corrente de trabalho da Casa. Conheci a Umbanda por curiosidade e acabei me encontrando na religião.

S10: Sempre senti uma grande necessidade de conhecer a umbanda. Mas quando entrei, estava passando por momentos difíceis com a depressão e a umbanda me resgatou. Hoje sou sacerdotisa (mãe de santo) e com uma relação incrível com a espiritualidade que jamais imaginei que viveria isso na vida.

S12: Quando minha vó se foi minha mãe foi em um terreiro de terecô e me levou pra conhecer, quando cheguei lá vi que era algo diferente que nunca tinha visto e como um bom curioso comecei a frequentar mais tinha um probleminha era longe e não dava de ir então uma amiga da minha mãe falou que tinha um terreiro de umbanda

bem pertinho de casa, minha mãe me levou para esse terreiro e foi aí que me apaixonei pela umbanda. Axé.

S14: Conheci por influência de um amigo, fui inicialmente em um terreiro de terecô, porém não me identifiquei muito, só fui uma vez, até encontrar o que estou atualmente. Já conhecia o Pai 'André' há uns 10 anos. Minha relação é intensa, sou uma médium no estágio de consagrada, já participo da corrente de trabalho do terreiro, e tenho uma ligação muito forte com minha família espiritual e alimento essa conexão diariamente, e o que aprendo lá dentro reproduzo fora e sigo para minha vida inteira.

S15: Já tinha curiosidade de frequentar o terreiro, pois através de estudos sobre a religião senti uma identificação com os princípios. Conheci a Casa de Pai Joaquim através de um amigo que já frequentava e decidi iniciar minha jornada como médium da casa, com a permissão da espiritualidade.

A relação entre a família, a tradição e os saberes ficam evidente nas falas dos sujeitos pesquisados. As mães e avós deixam como legado a religião que é seguida por filhos e filhas, netos e netas. Além dessa conexão, destaca-se a participação das relações de amizade, contribuindo para que os indivíduos possam conhecer a Umbanda e segui-la como religião, buscando conhecimento, paz e harmonia com a natureza.

Nesse contexto, conectar os saberes tradicionais à Agroecologia ajuda a compreender a importância dessa relação para o cultivo e uso de plantas medicinais na perspectiva da preservação da natureza. Assim, a Agroecologia busca, por meio da interação dos elementos da própria natureza e dos princípios ecológicos, a fundamentação e a organização necessária para a aplicação de seus conhecimentos para uma produção sustentável. Mas, para os sujeitos da pesquisa, o que é a Agroecologia?

S2: Essa relação entre o ser humano e as ervas e de que maneira fazer uso delas para fins medicinais e espirituais. Implica também na forma como se trata cada planta e seu cuidado com a mesma.

S4: Uma forma de cultivo mais sustentável é que aproveite tudo que venha da natureza da forma mais equilibrada possível.

S8: Para mim é de suma importância a agroecologia principalmente para quem utiliza a natureza e suas formas com ervas pois tudo que precisamos encontramos na natureza.

S10: A combinação da preservação com o meio ambiente com o cultivo sustentável.

S12: Para mim agroecologia é tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais.

S17: É uma maneira sustentável de produzir, onde diversos fatores culturais, ambientais e sociais são levados em consideração. (PESQUISA DIRETA, 2023)

A correlação entre os saberes tradicionais e a agroecologia foi reforçada nas falas dos pesquisados, sobretudo quando retratam a importância da produção e preservação da natureza. E, diante do exposto, indagou-se sobre as plantas/ervas cultivadas e utilizadas nos ritos da Umbanda ou para tratamento de enfermidades pelos sujeitos da pesquisa. Assim, tem-se como principais plantas/ervas (nome popular) e uso para tratamento, Quadro 1.

Quadro 1 – Ervas/Plantas e sua utilização informada pelos sujeitos da pesquisa, Caxias-MA, 2023.

Planta ou erva	Tipo de uso
Boldo	Ajuda na digestão, alivia dores de barriga e tem traz equilíbrio e paz para o corpo e espírito.
Alfavaca	Trata gripe, tosse e dor de garganta, além de trazer motivação e ânimo.
Malva do reino	Tem ação expectorante, ajuda a tratar problemas respiratórias. É uma erva que vibra na força do trono do amor por tanto tem um grande caráter harmonizador e equilibrador.
Quebra-pedra	Ajuda a tratar pedra nos rins e inflações. É uma erva que afasta mal olhado e energias ruins.
Capim-limão	Tem ação relaxante e calmante, ajuda na ansiedade e alivia cólicas. Atua diretamente nas emoções trazendo paz e harmonia para o espírito.
Erva cidreira	Propriedades calmantes, relaxantes e ajuda a acalmar o estresse e ansiedade.
Folha de limão	Ajuda na digestão, infecções na garganta. É uma erva que purifica, descarrega energias negativas e abre os caminhos.
Folha de Caju	Trata diarreia, enjoo e trata diabetes.
Folha da Goiaba	Indigestão, ajuda a curar diarreia e tem ação cicatrizante. Ela descarrega e energizante.
Eucalipto	Faz bem para a asma e sinusite, alivia dores musculares, expectorante. Seu banho harmoniza, fortalece o espírito, eleva o humor e abre os caminhos.
Alecrim	Alivia dores de cabeça e o cansaço. Na umbanda é conhecida como a erva da alegria pois traz harmonia, alegria pois seu banho traz grande sensação de paz
Hortelã	Alivia cólicas, alivia gases e trata resfriado. Seu banho purifica o espírito e combate o desânimo,

Fonte: Pesquisa direta, 2023.

Para Carvalho *et. al.* (2015, p.2), as plantas medicinais, para as religiões de matriz africana, têm um grande valor simbólico e material. Essas plantas são utilizadas em seus ritos e cura dentro das suas comunidades e nos terreiros. Assim, o uso das ervas conecta os “saberes e tradições e mantém acesa a valorização da natureza, manifestada no caráter fármaco-botânico de suas receitas, no registro empírico e individual das experiências”.

O conhecimento sobre as ervas e plantas, tanto para seu cultivo quanto para o manejo e uso, segue os ritos da Umbanda e os ensinamentos repassados de geração em geração por meio da oralidade. Assim, os “Filhos de Santo” que frequentam o Terreiro de Umbanda aprendem e repassam os ensinamentos adquiridos ao longo do tempo com os mais velhos, ou seja, com o “Pai de Santo” ou a “Mãe de Santo” de maior hierarquia do Terreiro.

As religiões de matriz africana no Brasil, dentro das suas comunidades de terreiro, buscam em suas práticas a articulação dos eixos de sustentabilidade ecológica, econômica,

social, cultural, política e ética, ou seja, desenvolvem os pilares da Agroecologia. E, mesmo que ainda de forma não intencional, para Melo e Oliveira (2019), o povo de terreiro desenvolve suas práticas e ritos na perspectiva ecológica por meio da produção, conservação e diversificação da vida na natureza, Figura 2.

Figura 2 – Mosaico de fotos do preparo das ervas e plantas nos ritos do Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola” em Caxias-MA, 2023



Fonte: Acevo Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola”, 2023. Organização: Autor, 2023.

Na Figura 2, observa-se o manuseio e preparo das ervas e plantas que foram utilizadas durante os ritos da Umbanda. Os sujeitos da pesquisa coletam e selecionam cada erva que utilizarão nos ritos, como pode-se ver nas Figuras 2.A e 2.B, em que o “Pai de Santo” e a “Mãe

de Santo” estão preparando o Amaci⁵ de Oxalá (ritual anual que antecede as deitadas⁶ de passagem).

Na Figura 2.C, é possível observar a organização dos ramos de plantas e ervas em frente ao Congá⁷ dos Pretos e Pretas Velhas⁸, denominadas de coroas. Essas coroas são feitas utilizando vários tipos de ervas distintas que correspondem aos orixás do médium⁹. Dentre elas, destacam-se boldo, hortelã, alfavema, alecrim, alevante, manjerição, alfavaca, girassol, camomila, manjerona, malva branca, mil folhas, salvia, rosa branca, poejo e erva-doce. Essa coroa de ervas é utilizada para coroar o médium que atinge um estágio avançado de preparo, ou seja, aquele médium que de alguma forma já se encontra apto ao trabalho sacerdotal. Observa-se que para cada Amaci, segue-se uma determinada orientação de uso de ervas para o preparo.

Na Figura 2.D, observa-se o preparo final do Amaci pelo guia ou entidade¹⁰ Pai Joaquim de Angola¹¹, realizado pelo médium regente e Pai de Santo da casa. Após o preparo, é realizado o rito da coroação dos demais médiuns da casa, que seguirão com os demais ritos do seu

⁵ Amaci (Amassi – banto) – Preparado a base de água e sumo de ervas sagradas, após socadas em pilão ou quinadas com as mãos, ou maceradas e deixadas em infusão, destinadas, após repouso, aos banhos de cabeça e purificação de iniciantes e iniciados nos ritos, com o propósito de fixação vibratória e preparação para chegada do orixá. Nas guias (colares) destina-se a limpeza e fixação obrigatória, Pereira (2014, p.52)

⁶ Deitada - ritual em que o médium da casa é recolhido com oferendas para o seu Orixá e exus para fortalecer a sua mediunidade, Malcher (2023, p.71).

⁷ Congá – altar nos terreiros de Umbanda geralmente com imagens de santos católicos sincretizados, além de imagens de orixás, de caboclos e pretos velhos, velas, flores e etc. (PEREIRA, 2014, p.184)

⁸ Pretos e Pretas Velhas – São entidades elevadas que se apresentam estereotipados como anciãos negros conhecedores profundos da magia Divina e da manipulação de ervas. São excelentes mandingueiros, mestres dos elementos da natureza, os quais utilizam em seus benzimentos e trabalhos espirituais, Molina (2015, p.09).

⁹ O médium e a médium têm a faculdade de sentir vibrações sutis que emanam dos seres e, captando tais forças, eles as podem (re)transmitir. (BRITO, 2017, p.174)

¹⁰ O universo religioso umbandista está centrado na ação dos espíritos chamados de **entidades ou guias** - caboclos, pretos-velhos, exus, boiadeiros, mineiros, marinheiros, baianos, orientais crianças, mestres e ciganos - que incorporam nos médiuns para trabalhar e praticar a caridade. Os Orixás são equivalentes aos santos católicos e não baixam (incorporam) nos médiuns, antes, delegam essa tarefa aos guias sob seu poderio que são reunidos em falanges - espécie de linhas agrupadas por domínio da natureza e função no sistema umbandista. (CAMPELO e MONTEIRO, 2017, p. 109)

¹¹ Pai Joaquim foi trazido de Angola ainda jovem em um desses navios negreiros que traficavam escravos africanos, desembarcou a priori no interior de Minas Gerais, onde trabalhou em plantações de café e cana de açúcar, cuidando de animais e de fazendas, alguns anos depois foi vendido para uma família do Rio de Janeiro, mais precisamente na cidade de Petrópolis onde continuou a trabalhar arduamente. Sempre foi ligado a magia ancestral, a cultos advindos de suas raízes e era um exímio curandeiro a manipulador de magia ancestral. Infelizmente sua história não teve um final tão feliz, pois ao chegar na sua velhice, Pai Joaquim foi levado ao tronco onde ficou longos dias sendo açoitados até sua morte, ele relata que foi resgatado por nossa Senhora Aparecida e Mãe Oxum onde foi levado até Obalua para ser curado e servir nossa amada Umbanda.

processo de evolução na Umbanda.

A conexão com as ervas e plantas, seja nos ritos da Umbanda ou no preparo de medicação, aproxima sempre o médium da natureza. Assim, em relação à importância da relação entre o cultivo das plantas medicinais e da conservação da natureza na Umbanda, os sujeitos da pesquisa compreendem que essa conexão se dá pela aproximação entre a ancestralidade, os saberes tradicionais e o respeito da Umbanda pela Natureza. Para tal, destacam-se as seguintes afirmações:

S5: A Umbanda é uma representação do axé natural, digamos que uma religião ecológica, pois a verdadeira umbanda defende e cuida do meio ambiente.

S6: (...) elementos de propriedades naturais que fazem bem para nossa vida e como é uma conexão com o sagrado, sabemos que sem ela não somos nada, a preservação é fundamental para nossa sobrevivência.

S14: Cultivamos plantas, e após colher a gente usa sua energia, sua força e poder da cura, e é um processo constante de cultivo e plantio, retiramos, mas realimentamos a mãe natureza diariamente, e junto a umbanda fazemos esse trabalho de troca com a natureza.

S17: Na Umbanda exige um grande respeito com o que vem da terra, as plantas e frutos são presentes de nossa amada mãe Terra para nos nutrir e curar, até para pegar um galhinho se quer devemos pedir permissão. Então para que esse respeito aconteça de fato, é necessário conservação e cuidado (Pesquisa direta, 2023).

De acordo com o exposto, a ancestralidade, os saberes tradicionais e a Umbanda dialogam com a Agroecologia na busca pela preservação da cultura dos povos tradicionais e da natureza. Logo, promovem uma produção sustentável de plantas e ervas que são cotidianamente utilizadas no rito religioso ou no tratamento de algumas enfermidades. Assim, esta pesquisa traz uma perspectiva de reflexão para a luta e resistência cultural dos povos de terreiro, aliada à produção agroecológica da terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa levou à compreensão sobre a importância da agroecologia na produção e uso das ervas e plantas medicinais pelos povos de terreiro. No Terreiro de Umbanda Casa Pai Joaquim de Angola, as ervas e plantas são utilizadas no tratamento de enfermidades em humanos e mantêm viva a cultura e o conhecimento tradicional transmitido entre gerações através do conhecimento popular e da oralidade.

Destaca-se também a relevância e a reafirmação do estudo sobre a luta e resistência dos povos tradicionais, em especial os povos de terreiro, na busca pela manutenção de sua cultura, religião e ancestralidade, que consegue se manter viva por meio dos saberes tradicionais repassados entre gerações através da oralidade.

A relação que se fortalece entre os povos de terreiro, a Umbanda (o quanto religião de matriz africana) e a agroecologia ocorre por meio de ações como a produção sustentável da terra, o que proporciona fortalecimento da preservação da natureza e da cultura desses povos. Destarte, a Agroecologia poderá contribuir significativamente para o fortalecimento do desenvolvimento social e sustentável por meio da inter-relação homem-natureza.

A reflexão sobre as relações de produção da terra e ancestralidade permanece como forma de buscar cada vez mais o desenvolvimento social, econômico e educacional na perspectiva da preservação ambiental, o que se aproxima com as diretrizes pautadas pela Agroecologia e o desenvolvimento sustentável.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao IFMA Campus Caxias, por meio do Departamento de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (DPPGI), pelo apoio ao desenvolvimento da pesquisa, à FAPEMA pelo fomento da bolsa de pesquisa para os discentes envolvidos no estudo. Também agradecemos a acolhida de todos e todas durante o desenvolvimento da pesquisa no Terreiro de Umbanda “Casa de Caridade Pai Joaquim de Angola”.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ASSIS, R. L. de; AREZZO, D. C. de; ALMEIDA, D. L. de; DE-POLLI, H. Aspectos técnicos da agricultura orgânica fluminense. In: **Revista Universidade Rural - Série Ciências da Vida**, Seropédica, v. 20, n. 1-2, p. 1-16, 1998.
- ASSIS, R. L.; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 6, p. 67-80, jul./dez. Editora UFPR, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. - São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRITO, L. G. A vibração dos corpos: notas sobre uma teoria umbandista do intercâmbio mediúnico-energético. In: **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 37(3): 173-197, 2017.
- CAMPELO, M. M.; MONTEIRO, A. Medinidade e iniciação: notas sobre a iniciação de crianças na umbanda. In: **Rev. NUFEN**, Belém, v. 9, n. 1, p. 108-126, jan. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-

25912017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 set. 2023.

CARVALHO, P. A.; BARROS, V. M. S.; ZONTA, P. L.; SOUZA, H. N. Manutenção da Tradição e do Conhecimento sobre plantas Medicinais em Terreiros de Umbanda e Candomblé na Zona da Mata de Minas Gerais. In: **Congresso Brasileiro de Agroecologia**, 2015, Belém - PA. Cadernos de Agroecologia, 2015. v. 10.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. In: **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92625>. Acesso em: 24 jan. 2022.

DIAS, M. A.; MENDONÇA, F. ALTERNATIVIDADES EM SAÚDE HUMANA E A GEOGRAFIA DA SAÚDE. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, v. 16, p. 264–281, 2020. DOI: [10.14393/Hygeia16056781](https://doi.org/10.14393/Hygeia16056781). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/56781>. Acesso em: 26 ago. 2025.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOTSARIS, A. S. **Fitoterapia Chinesa e Plantas Brasileiras**. 4. ed. São Paulo: Ícone, 2012.

EMBRAPA. **Marco Referencial em Agroecologia**. Brasília: Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), 2006, 70 p.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. In: **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**. Porto Alegre, v.3, nº 1, pp. 36-51, 2002.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GERHARDT, T. E.; DENISE, T. S. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GLIESSMAN, S. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

GLIESSMAN, S. **Agroecology: the ecology of sustainable food systems**. CRC Press, Taylor & Francis, New York, USA, 2007.

GLIESSMAN, S. Defining Agroecology. In: **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 42, nº 6, pp. 599-600, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/21683565.2018.1432329>.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUERRA, A. de L. e R.; STROPARO, T. R.; COSTA, M. da; CASTRO JÚNIOR, F. P. de; LACERDA JÚNIOR, O. da S.; BRASIL, M. M.; CAMBA, M. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 15, n. 7, p. e4019, 2024. DOI: 10.7769/gesec.v15i7.4019. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GUERRA, E. L. A. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.

KATTRIB, C. M, I; SANTOS, T. P. dos. O aprender-ensinar na umbanda: desconstruindo olhares, abrindo possibilidades. **HUMANIDADES & TECNOLOGIA (FINOM)** - ISSN: 1809-1628. vol. 27- out/dez. 2020. p. 20-34. Disponível em: https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1422. Acesso em: 27 ago. 2025.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MALCHER, A. **A Pombagira na Umbanda**: Uma reportagem sobre o exu feminino e a tradição religiosa afro-brasileira. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/29995/1/Andressa%20Malcher.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MELO, P. B. de; OLIVEIRA, M. C. Agroecologia, alimentação e terreiro. In: CBA - Terra, Território, Ancestralidade e Justiça Ambiental, 2019, São Cristóvão, Sergipe. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe, 2019. v. 15.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de janeiro / Petrópolis: vozes, 1999, v. 14, p. 9-30.

MOLINA, N. A. **Feitiços de Preto Velho – mandingas e magias**. Imbituba-SC: livropostal, 2015.

MOURA, J. K. O. **Conhecimento tradicional sobre plantas medicinais no Maranhão como perspectivas para conservação da biodiversidade**: revisão de literatura. Monografia (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Caxias, Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – Caxias: 2020, 41 f.

ONG, W. J. **Oralidade e Cultura Escrita**: A tecnologia da palavra. São Paulo: Papirus, 2006.

PEREIRA, M. I. C. **Linguagem do cotidiano em tendas, comunidades, fraternidades, centros e barracões de Candomblé, Umbanda e outros cultos de raiz afro-brasileiros**.

Ituiutaba: Barlavento, 2014.

ROSSET, P; ALTIERI, M. **Agroecologia**: ciência e política. SOCLA, 2018.

SANTOS, A. F. dos. Pesquisa qualitativa no ensino de geografia: discutindo qualidade. In: **Geosaberes**, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 60-67, july 2014.

SICARD, T. L. Agroecología: desafíos de una ciencia ambiental en construcción. In: **Vertientes del pensamiento agroecológico**: fundamentos y aplicaciones. Medellín, Colômbia: SOCLA, 2009.

TATINI, M. C.; TATINI, R. Agroecologia e ancestralidade: a cosmovisão africana e sua conexão com os saberes agroecológicos. In: CBA - Terra, Território, Ancestralidade e Justiça Ambiental, 2019, São Cristóvão, Sergipe. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe, 2019. v. 15

.